

ROTINA DOS MORADORES DA COMUNIDADE DO KM 11 NA PIRACEMA, TUCURUÍ-PA

Routine of the residents of the KM 11 community in Piracema, Tucuruí-PA

Rutina de los Residentes de la Comunidad KM 11 en Piracema, Tucuruí-PA

Alice Pompeu Melo¹
Karen Thayane Grangeiro Farias²
Milena Lopes da Silva³
Raiane Rodrigues Pinto⁴

A comunidade do Km 11, localizada às margens do lago da Usina Hidrelétrica na cidade de Tucuruí-Pará, é conhecida como “Vila dos Pescadores” por ser um polo de compra e venda de pescados. Segundo Cintra e colaboradores (2007), em 2006, 7.854 pescadores artesanais viviam próximo ao reservatório da UHE Tucuruí, excluindo os não afiliados às colônias de pescadores e os de subsistência, representando uma população de aproximadamente 50.000 pessoas que dependiam diretamente da atividade pesqueira, incluindo seus dependentes. A maioria desses pescadores eram originários do Pará (55%), com uma presença significativa de migrantes, especialmente do Nordeste.

Com o desenvolvimento da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, impactos ambientais, econômicos e sociais afetaram uma vasta extensão do rio Tocantins, conseqüentemente, impactando também a vida desses ribeirinhos. A construção iniciou em novembro de 1975, com os trabalhos de escavação do canal de desvio do Rio Tocantins. É importante ressaltar que os estudos até então

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: alice24d2@hotmail.com

² Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará – UEPA; Especialista em Ciências da Natureza, suas Tecnologias e Mundo do Trabalho, pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: kthayanefarias@gmail.com

³ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará – UEPA; Especialista em Ciências da Natureza, suas Tecnologias e Mundo do Trabalho, pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: milenalopes1718@gmail.com

⁴ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: raiane.tec@hotmail.com

realizados eram com intuito de observar possíveis problemas para o funcionamento da usina, o que demonstra claramente a pouca preocupação quanto aos impactos ao meio ambiente e as populações ribeirinhas; a não inclusão de estruturas no projeto, as quais ajudariam na diminuição dos impactos, foram esquecidas ou excluídas pelos altos custos.

O cenário da localidade era totalmente outro, famílias foram compulsoriamente removidas, expulsas dos seus lugares e a diminuição de espécies de peixes eram evidentes; desde o advento da construção da usina hidrelétrica houve mudanças que levaram a resistências e transformações nas maneiras de sobreviver. Isso tornou-se um grande marco adaptativo deste povo, pois, muitas famílias que viviam há gerações nestas áreas, foram deslocadas à força para outras regiões, sem qualquer possibilidade de negociação ou diálogo. Patrimônios históricos e culturais foram silenciosamente submersos pelas águas da represa (SOUSA, 2018).

O ensaio fotográfico realizado em 19 de Janeiro, no ano de 2023, busca retratar a rotina de um local cheio de contrastes sociais e econômicos; visitá-lo foi como percorrer uma trilha repleta de tradição e historicidade, de um povo marcado por sua capacidade de adaptação e resistência. Reis (1997), fala a respeito destes contrastes apontando que, a Amazônia tem dado ao mundo elementos que proporcionam bem-estar material e espiritual, no entanto, os benefícios não são devolvidos na mesma proporção para as populações amazônicas.

Adentrar em uma comunidade ribeirinha na época da piracema local é vislumbrar uma visão diferente da costumeira, sem fluxo pesqueiro, ou cardumes de peixes sendo tratados para vendas, apenas barcos vazios, pescadores contemplando o rio, à espera da finalização do período defeso. E resquícios do grande período de movimentação pelo qual esta comunidade passa.

Nesta época do ano, o local vira embarque e desembarque de ribeirinhos advindos do lago, devido a proibição da pesca comercial. Muitas geleiras⁵, que trabalham somente com o forneci-

⁵ Geleira: Estabelecimento de fabricação e fornecimento de gelo para os pescadores.

mento para os pescadores, encerram suas atividades, pois o custo de funcionamento é alto. Tradicionalmente, quando as águas do rio começam a descer, muitos desses espaços viram oficinas de reparos, para barcos de viagem ou de pesca.

Dentro da comunidade os barcos atracam, os pescadores viram membros da comunidade, e alguns moradores do Km11 trabalham como vigias das embarcações. Quando o volume da água desce, é possível ver a parte de baixo das casas de palafitas, nota-se a grande quantidade de lixo e restos residuais de objetos quebrados. Nestes locais, a limpeza não é feita adequadamente pelo poder público, segundo relatos da população local, grande parte do lixo submerge ou é levado pela correnteza da maré, quando a água volta a subir.

Com o advento progressista muito se perdeu, muitos costumes e tradições antes praticados rotineiramente, agora fazem somente parte das lembranças dos ribeirinhos mais antigos, os quais tentam repassar este legado para seus filhos e netos. Os pescadores lembraram como eram na época de seus pais, onde faziam uma celebração para marcar o fim do período defeso, havia também um sentimento mútuo de solidariedade entre os pescadores e a comunidade local, aqueles que optaram por manter os ensinamentos tradicionais também foram esquecidos.

Ao conversar com os moradores da comunidade é possível identificar a potencialidade econômica advinda da venda de pescado. As imagens aqui dispostas dão ao leitor um vislumbre da rotina desta comunidade, que vivem a seu próprio modo, e que mesmo em meio a todo esse emaranhado de desafios, nunca deixaram de lutar para que suas vivências e tradições não sejam perdidas.

Referências bibliográficas

CINTRA, Israel Hidenburgo Aniceto; JURAS, Anastácio Afonso; ANDRADE, José Arimilton Carvalho de; OGAWA, Masayoshi. Caracterização dos desembarques pesqueiros na área de influência da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, estado do Pará, Brasil. **Bol. Téc. Cient.** Cepnor, 2007.

REIS, Arthur César Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

SOUSA, Ferdinando de. Os impactos sociais e ambientais da construção da usina hidrelétrica de Tucuruí. **Água, vida e Cia**, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://ferdinandodesousa.com/2018/04/19/os-impactos-sociais-e-ambientais-da-construcao-da-usina-hidreletrica-de-tucurui/>. Acesso em: 7 jun. 2024.





**Imagem 1: Barcos atracados no porto
(autores, 2023)**



**Imagem 2: Via de tráfego através do rio Tocantins
(autores, 2023)**



**Imagem 3: Ponte sob o KM11,
divisa entre Tucuruí e Novo Repartimento
(autores, 2023)**



**Imagem 4: Estacionamento na área do porto
(autores, 2023)**



**Imagem 5: Rua de acesso a comunidade próximo a BR 422
(autores, 2023)**

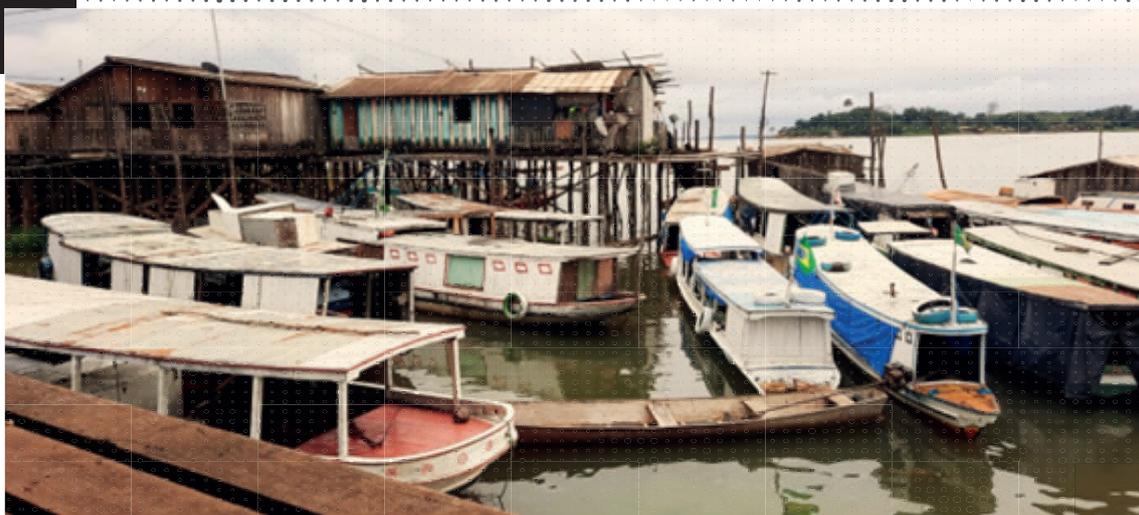


Imagem 6: Geleira fechada para o fornecimento
(autores, 2023)



**Imagem 7: Local de armazenamento dos pescados
(autores, 2023)**





**Imagem 9: Barcos parados devido a Piracema
(autores, 2023)**



**Imagem 10: Acúmulo de lixo na comunidade
(autores, 2023)**